

**NEGRITUDE E INFANCIA NEGRA: USOS E SENTIDOS EM CONTOS DE  
MÃE BEATA DE YEMONJÁ**

**BLACKNESS AND BLACK CHILDHOOD: USES AND SENSES OF HOLY  
MOTHER OF YEMONJÁ**

**NEGRITUD E INFANCIA NEGRA: USOS Y SENTIDOS EN CUENTOS DE  
MADRE BEATA DE YEMONJÁ**

Alex Sander da SILVA<sup>1</sup>  
Janaina Damasio VITORIO<sup>2</sup>  
Guilherme Oreste CANARIM<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste artigo vamos tratar do tema da negritude e da infância negra e sua relação com contos afro-brasileiros. Com o mito da democracia racial no Brasil, houve um processo de esvaziamento dos sentidos de negritude. Em consequência ocorreu um forte esgotamento da infância negra, fazendo com que as crianças tenham dificuldade de se afirmarem negras. Ansiamos discutir as seguintes questões: há uma infância negra? Em havendo, qual é o seu lugar na sociedade? Como ela se apresenta? Qual a sua importância na formação das identidades negras? Em que sentido pode se pensar a infância negra na a partir de contos afro-brasileiros? Nesse sentido, pretendemos trazer o tema da negritude e da infância negra confrontados em seus usos e sentidos em contos afro-brasileiros. Nosso intuito é apresentar um breve panorama dos conceitos, confrontando-se com narrativas de Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata em sua obra "*História que a minha vó contava*" (2004). A tentativa é mostrar as possibilidades de superação dos esvaziamentos e esgotamentos da infância negra em nossos ambientes formativos.

**Palavras-chave:** Negritude. Infância negra. Memória. Narrativa.

**ABSTRACT:** In this article we will deal with black blackness and childhood and its relation with Afro-Brazilian tales. With the myth of racial democracy in Brazil, there was a process of emptying the senses of blackness. As a consequence, there was a strong exhaustion of black childhood, making children have a hard time claiming to be black. We are anxious to discuss the following questions: Is there a black childhood? So what is your place in society? How does she present herself? What is its importance in the formation of black identities? In what way can black childhood be thought of as from Afro-Brazilian tales? In this sense, we intend to bring the theme of blackness and black childhood confronted in its uses and senses in Afro-Brazilian tales. Our intention is to present a brief overview of the concepts, confronting narratives of Beatriz Moreira Costa, Holy Mother in her work "History that my grandmother told" (2004). The attempt is to show the possibilities of overcoming the emptying and exhaustion of black childhood in our formative environments.

**Keywords:** Blackness. Black childhood. Memory. Narrative.

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. E-mail: alexsanders@unesc.net.

<sup>2</sup> Mestre em Desenvolvimento SocioEconomico. UNESC. E-mail: jdv@unesc.net.

<sup>3</sup> Graduando em Historia. Bolsista Iniciação Científica. UNESC. E-mail: guilhermeorestecanarim@gmail.com.

**RESUMEN:** En este artículo vamos a tratar del tema de la negritud y de la infancia negra y su relación con cuentos afro-brasileños. Con el mito de la democracia racial en Brasil, hubo un proceso de vaciamiento de los sentidos de negritud. En consecuencia se produjo un fuerte agotamiento de la infancia negra, haciendo que los niños tengan dificultad de afirmarse negros. En el caso de las mujeres, En efecto, ¿cuál es su lugar en la sociedad? ¿Cómo se presenta? ¿Cuál es su importancia en la formación de las identidades negras? ¿En qué sentido se puede pensar la infancia negra a partir de cuentos afro-brasileños? En ese sentido, pretendemos traer el tema de la negritud y de la infancia negra confrontados en sus usos y sentidos en cuentos afro-brasileños. En el caso de que se trate de una persona que no sea de su familia, El intento es mostrar las posibilidades de superación de los vaciados y agotamiento de la infancia negra en nuestros ambientes formativos.

**Palabras-clave:** Negritud. Infancia negra. Memoria. Narrativa.

## Introdução

O estudo das relações étnico-raciais e da negritude no Brasil é tratado há muito tempo. Todavia, ele ainda tem causado alguns desconfortos no ambiente escolar e acadêmico. Existem ainda em certos âmbitos da sociedade brasileira receios em se falar da história e da cultura negra, do racismo e das diversas formas de preconceitos em que eles se manifestam nas relações sociais.

De fato, esses temas nunca vão deixar de ser difíceis para se debater, porém há uma exigência social, da necessidade de enfrentá-los hoje em dia. Fugir deles é dar mais força as concepções e práticas arraigadas de preconceitos raciais, historicamente construídos e reproduzidos na sociedade. Com o mito da democracia racial no Brasil, houve um processo de esvaziamento dos sentidos de negritude. Em consequência ocorreu um forte esgotamento da infância negra, fazendo com que as crianças tenham dificuldade de se afirmarem negros.

Neste trabalho vamos tratar do tema da negritude e da infância negra e sua relação com contos afro-brasileiros. Ansiamos discutir as seguintes questões: há uma infância negra? Em havendo, qual é o seu lugar na sociedade? Como ela se apresenta? Qual a sua importância na formação das identidades negras? Em que sentido pode se pensar a infância negra a partir de contos afro-brasileiros? Nesse sentido, pretendemos trazer o tema da negritude e da infância negra confrontados em seus usos e sentidos em contos afro-brasileiros.

Nosso intuito é apresentar um breve panorama dos conceitos, confrontando-se com narrativas de Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata em sua obra “*História que a minha vó contava*” (2004). Em suas histórias vemos o intercâmbio de experiências, de

narrativas de sua infância compartilhadas em contos oriundos da tradição oral. A tentativa é mostrar as possibilidades de superação dos esvaziamentos e esgotamentos da infância negra em nossos ambientes formativos.

### **Negritudes e à confrontação identitária com o racismo institucional e moral**

O movimento de diáspora dos povos africanos, forçada pela escravização, tanto no sentido da sua dispersão, quanto no tocante a relação de inserção e permanência não só impactou a estrutura fraturada da composição sociogênica das comunidades negras como seus indivíduos. O que significa dizer que a própria transição de sua identidade cultural africana e sua implicância mais patente na sociedade, influenciou e ainda importa pesadamente na experiência cotidiana dos sujeitos negros no mundo como um todo.

Aqueles que se viram expropriados de seu espaço primordial de referência, em novos contextos foram forçados a refazerem-se como sujeitos, cuja identidade teve de sustentar-se em algum núcleo básico. Disso emergiu dos povos africanos a necessidade de se refazer sua própria negritude como identidade cultural.

Segundo Stuart Hall (1999, p.5), a identidade é um conceito crucial, porque funciona como conceito articulador. Age como ponto de ligação, entre os discursos e as práticas que procuram interpelar, falar-nos ou colocar-nos em nosso lugar, enquanto sujeitos sociais de discursos particulares, por um lado. Por outro, os processos que produzem a subjetividade, nos constroem como sujeitos, podem falar e ser. As identidades, segundo Mendes (2002, p.506), emergem da narrativização do próprio sujeito e das suas vivências sociais. E a natureza necessariamente ficcional deste processo não afeta a eficácia discursiva e material ou política das mesmas.

As identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas. Também Stuart Hall (1999, p.4), refere que as identidades emergem dessa narrativização do sujeito, e que a natureza necessariamente ficcional deste processo não afeta a eficácia discursiva e material ou política das mesmas. As identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações práticas e discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas.

A questão que se coloca é a seguinte: No âmbito destas múltiplas identidades o que se faz necessário para a própria transição identitária dos povos africanos dispersos? E como isso se relaciona com os elementos constituem o racismo contingente das relações humanas? Isso implica discutirmos melhor a relação entre identidade negra e racismo institucional e atitude moral racista.

O racismo é um fenômeno social que está inoculado nos discursos utilizados despreocupadamente que provoca o esvaziamento da identidade negra. Dá-se, sobretudo, em razão da sua não distinção fundamental do preconceito humano e o próprio racismo em si. Este se fundou pela aderência dos elementos constitutivos das etnias a serem segregadas em adjetivos despolitizados e aparentemente neutros. O racismo na maioria das vezes passa despercebido, inclusive aos ouvidos do próprio sujeito que sofre este tipo de agressão. Segundo Munanga,

[...] tanto pela palavra quanto pela conduta, o lugar e o destino do colonizado, seu parceiro no drama colonial, garante, portanto, o seu próprio lugar na empresa. [...] a análise da atitude racista revela três elementos importantes já presentes no discurso pseudocientífico justificador que acabamos de ver: descobrir e pôr em evidência as diferenças entre colonizador e colonizado, valorizá-las, em proveito do primeiro e em detrimento do último e levá-las ao absoluto, afirmando que são definitivas, e agindo assim para que assim se tornem. (MUNANGA, 1988, p. 21).

Desse modo, faz sentido buscar formas de luta contra o racismo. Um primeiro passo, para o reconhecimento do racismo, é afastar a ideia de *democracia racial*, isso outorgaria maior consistência no discurso e nas práticas sociais do seu combate. A desmistificação da ideia de convivência pacífica entre negros e não-negros no Brasil, deveria ser um dos primeiros passos que se deveria dar como forma de fortalecimento da luta do povo negro contra a discriminação racial.

Um segundo passo, seria construir um movimento de oposição à ideologia dominante, criando assim bases político-culturais de combate não apenas ao racismo, mas também ao capitalismo. Pois o reconhecimento que o racismo se aprofunda a partir de uma relação de exploração de classe social. Com efeito, a estereotipia negativa contra o negro e o aprofundamento das diferenças entre os grupos étnicos, ganha novas dimensões, a partir do modo de exploração capitalista.

Um terceiro passo no combate ao racismo implica na resistência de um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes

européias, ignorando ou pouco valorizando as outras (africanas, indígenas, asiáticas, etc). Os diferentes grupos, as diferentes identidades que constituem a própria sociedade brasileira, têm demonstrado o quanto é necessário o respeito à diversidade étnico-racial.

Deste modo pode-se perceber que, se por um lado, as dinâmicas da infância precisam ser respeitadas no que devem conservar de sua interioridade própria e subjetiva, por outro, faz-se necessário um trabalho de aprofundamento das bases teóricas que nos dão substância para compreender os fenômenos ligados a apropriação da identidade na infância negra e ao que significa ser uma criança negra num horizonte que privilegia a branquitude.

### **Infância negra e seu lugar de(s) construção de identidades**

Quando falamos de infância nos deparamos com concepções que desconsideram os seus significados que dependem do contexto no qual surge e se desenvolve. Bem como, desconsideramos as relações sociais nos seus aspectos econômico, histórico, cultural e político, que colaboram para a constituição de tais significados e concepções, que, por sua vez, nos remetem a uma imagem de criança como essência, universal, descontextualizada.

A literatura (vide caso Aries, Rousseau entre outros pensadores da infância) nos mostram diferentes infâncias coexistindo em um mesmo tempo e lugar. E, ao se buscar uma resposta para a questão sobre a infância e a criança, é necessário uma contextualização sobre a época em que a resposta vai se embasar, e quais referências vão ser usadas para descrever tal conceito.

Esse aspecto inclui a classe social e a raça. Porque ser criança na sociedade contemporânea é muito diferente de ser criança nos períodos históricos anteriores. Encontra-se aqui um recorte necessário para se discutir a relação, de modo particular, da criança negra com sua comunidade, quando esta existe. Assim como qualquer criança em um determinado meio social, está envolvida com as particularidades da linguagem e dos comportamentos naturalizando-os tão logo lhes sejam expostos repetidas vezes. Isto é, criando sua identidade.

De modo que, assim como não há dificuldade para uma criança chinesa taoista escrever orações em kanji, igualmente simples é a repetição do pai-nosso para uma criança cristã católica, ou ainda, uma prece silenciosa pelos pais por qualquer jovem da ala presbítero-luterana do protestantismo ocidental. Porém, com a criança negra tem que

ligar com algo singular, que é o racismo institucionalizado, na desvalorização do ser negro e negra. Isto é, criando uma identidade negativa a seu respeito e a sua comunidade.

Destarte a construção da comunidade e a identidade particular se articulam, conforme Frantz Fanon,

Para entender como tais construções ocorrem, o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados. Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. (FANON, 2006, p. 15).

O material com o qual se constroem as contradições que violentamente afetam a sociedade é o humano em suas múltiplas dimensões, assim, pensar uma infância negra não significa buscar uma generalidade metodológica. O que seria irresponsável em relação à própria característica do gênero humano no mundo e suas infinitas formas de culturas e hibridações. Ou seja, não buscamos um método para aceder a todas as infâncias negras do mundo, nem um elemento genérico contingente delas.

Entendemos que cada comunidade está entretida de suas próprias modulações e diferenças inclusive em relação a si mesma. O que decorre, por um lado, a multiplicidade das manifestações retificadoras da condição de ser negro e negra quando criança, e por outro, o movimento de convergência das reelaborações destes grupos em direção a uma ubiquidade plural.

Neste ínterim, uma sociedade como a nossa, que funciona a partir da aparência de democracia e cuja ética fundante é o lucro, baseada sob ideais embranquecedores, faz-se necessária a reflexão em relação a formação indenitária na infância negra. Essa formação implica no que modo essas crianças se veem representadas nos grupos aos quais pertencem e como a educação formal deve estar envolvida na organização dos meios para sua socialização.

Tal socialização destas crianças precisaria ser adequada de modo que possam crescer desenvolvendo um senso de si como sujeitos transitórios como qualquer outro e não pejorativamente diversos. O que para Stuart Hall significa dizer que

A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...). E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são

unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 1999, p. 12-13)

A inclusão delas nesta sociedade pelo intermédio da escola, visando a homogeneização ou o equilíbrio da cultura não é o suficiente se considerarmos que o pertencimento e o autorreconhecimento devem ser continuamente substanciados de sua consciência identitária. Isso deve promover a liberdade mínima destes sujeitos em relação aos seus grupos e ao inevitável movimento destes num mundo branco de consumo e exploração capitalista.

Dessa maneira, em relação a criança negra, faz-se necessário discutir os caminhos plurais que possibilitem de(s)construções de identidades. Entretanto, conforme se procurou argumentar, o reconhecimento de um grupo social por muito tempo silenciado, necessita de discussões mais profundas para que se propusesse uma (re)construção identitária, que valorize as diversidades étnico raciais.

Se isso é uma necessidade premente na infância negra, ao mesmo tempo, se faz necessário identificar o campo de construção dessas identidades num contexto de preconceitos ainda arraigados, isto é, na escola. Nesse sentido, pode-se dizer que a partir de contos afro-brasileiros pode ser um caminho adequado para se pensar a infância negra. Isto é, por meio de histórias, narrativas antepassadas pode ser um lugar de troca de experiências e construção de novas.

Na seção seguinte pretendemos apresentar um breve panorama dos contos de Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata em sua obra "*História que a minha vó contava*" (2004). Em suas histórias vemos o intercâmbio de experiências, de narrativas de sua infância compartilhadas em contos oriundos da tradição oral. Elas querem transmitir as crianças do tempo presente o que aprendeu com sua vó no passado.

### **Usos e sentidos em contos de "Histórias que a minha vó contava" de Mãe Beata de Yemojá**

A luta por reconhecimento, valorização e afirmação da identidade e da formação cultural negra, ficou fortalecida, sobretudo, a partir da promulgação das Leis 10.639/2003 e 11.645 que tratam da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura

africana e afro-brasileira.<sup>4</sup> Tal obrigatoriedade veio impulsionar o mergulhar nesse universo de representações no espaço escolar.

Isso significou trazer à tona a presença e a produção social da população negra. Nesse aspecto, uma questão que destacamos aqui é a seguinte: Em que sentido pode se pensar a infância negra na a partir de contos de Beatriz Moreira Costa? Mãe Beata de Yemonjá, assim como é chamada no candomblé, traz nas suas memórias as histórias e os mitos contados e ouvidos na sua vivência em comunidades de candomblé.

Nesse sentido, ao lermos seus contos, referimo-nos às histórias e memórias impregnadas de experiências coletivas de Mãe Beata. Na sua obra destaca-se a tradição cultural africana através da preservação e relato das memórias dos povos de origem africana. É o entrelaçamento entre mito e memória, conforme sugere Cardoso (2008).

Em seus livros publicados, *Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros – como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos e Histórias que minha avó contava*, Mãe Beata invoca memórias de sua infância, de histórias contadas numa região fortemente marcada pela cultura afro-brasileira.

Conforme Freitas,

O ato de contar histórias, feito por Mãe Beata em seu terreiro é uma forma de preservar a tradição oral de seus antepassados no sentido de passar os conhecimentos de terreiro do mais velho para os mais novos, obedecendo a uma hierarquia de saber ainda muito preservada em casas de Candomblé no Brasil (CARDOSO, 2014, p. 2).

As histórias de Mãe Beata trazem a dinâmica da oralidade transmitida nas histórias e a interação entre contadores e ouvintes nos leva pensar na criação coletiva das comunidades de terreiro. Podemos dizer que estas histórias sobrevivem por conta de uma memória coletiva resguardada na tradição religiosa afro-brasileira. Mãe Beata vem dar visibilidade a “tradição africana da palavra narrada” (PEREIRA, 2006, p. 4).

Suas histórias envolvem sua vida, conectada a vida dos seus antepassados e da história dos povos afro-brasileiros. Ela é ao mesmo tempo contadora e participante dessas histórias, vivida e recontada no dia-a-dia dos terreiros (CARDOSO, p. 2008, p. 13). Freitas (2014, p. 2) destaca algumas características ao texto de Mãe Beata: suas narrativas são curtas (contos); temas voltados ao universo mítico afro-brasileiro;

---

<sup>4</sup> Em março de 2003, foi sancionada a Lei 10.639/03 – MEC, que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos no currículo escolar dos ensinos Fundamental e Médio. A Lei 11.645 acrescenta o tema das questões indígenas.

atualização de mitos africanos *yorubás*;<sup>5</sup> intervenção dos deuses *yorubás* no cotidiano das mulheres brasileiras de terreiro; linguagem coloquial; metáforas do cotidiano; uso constante de provérbios; crítica social; relações de gênero problematizando raça e classe social; condição feminina orientada pelos arquétipos das deusas da mitologia *yorubá*.

Desse modo, suas histórias, atualizam memórias socioculturais e religiosas dos terreiros do candomblé, como parte integral do *axé*, da força vital da religiosidade afro-brasileira (CARDOSO, 2008, p.13). Ou seja, há uma ligação íntima entre as histórias rememoradas e a vida cotidiana nas comunidades religiosas, que se renovam em seus significados e suas forças na presença na vida destas comunidades.

Os contos e narrativas reunidas em “*História que a minha vó contava*” expressam uma literatura rapsódica composta por 38 contos, que compõe parte de lendas afro-brasileiras dos povos descendentes do *iorubá* e de outras etnias. Sendo que a narrativa desses contos sai do limite dos terreiros e se inserem num contexto mais amplo da cultura brasileira (CARDOSO, 2008, p. 14).

Os contos de Beata envolvem lendas folclóricas, personagens da cultura popular e um significativo entrelaçamento do ser humano e a natureza. Alguns descrevem a sua maneira (recebida dos seus ancestrais) a composição dos animais e suas tarefas. Como por exemplo, no conto “O beija-flor” (CARDOSO, 2008, p. 11).

O beija-flor é um lindo pássaro muito sentimental e sensível. Um dia ele estava voando em volta de um roseiral e viu uma enorme teia de aranha, e, se debatendo nela, um lindo passarinho que estava prestes a ser devorado pela aranha. O beija-flor vendo aquilo foi chegando com seu longo bico e seu poder de ficar parado no ar, libertou o passarinho que ficou muito agradecido e voou para bem longe da aranha que ficou muito triste, pois pensou que já tinha garantido um bom petisco para aquele dia, mas o que ela não sabia é que para combater a sua maldade existia um bondoso beija-flor.

Nesse breve relato da peripécia do beija-flor que ajuda o passarinho pode se observar a destreza de uma natureza solidária capaz de mudar os rumos da condição de vítima e ser libertado por um pássaro bondoso como o beija flor. Em diferentes níveis e circunstâncias os animais são retratados numa condição de personificação da sensibilidade humana, em seus limites e possibilidades.

<sup>5</sup> Nome atribuído para uma das maiores etnias africanas, configuradas por diversas populações ligadas entre si por uma língua comum de mesmo nome, além de uma mesma história e cultura. A maior parte dos *iorubás* vive na Nigéria, mais precisamente na região sudoeste do país. Há também importantes comunidades presentes em Benim, Gana, Togo e Costa do Marfim.

Contar essas histórias para as crianças implica inseri-las num universo humano cheio de contradições. Isto é, na dialética de sua natureza, tanto dos animais, quanto do próprio ser humano. Nesse sentido, ao entendermos os detalhes simbólicos da tradição dos orixás, entendemos que os seus poderes atuam na conectividade entre o mundo real, a natureza e o transcendente. Outro exemplo está no conto “Eny em ioruba é esteira” (CARDOSO, 2008, p. 32):

Na tradição do Candomblé, se deve ter muito respeito com a esteira, Oyá<sup>6</sup> se revolta quando sem necessidades se pisa ou se arrasta a esteira. Existem eguns, que ainda não tomaram obrigação ou não foram raspados que podem aparecer para as pessoas como uma esteira, elas podem se levantar e sair dançando ou correndo atrás de uma pessoa por isso devemos ter muito respeito com Eny. Em muitos engenhos quando morria um escravo ou ele era enterrado com sua esteira ou queimado enrolado nela.

Nesse conto, podemos destacar que o teor da narrativa leva a entender que cada um deve respeitar a particularidade do outro, pelos seus pertences, nesse caso, sua Eny (ou esteira). Eny corresponde uma conduta que de respeito pelas forças sobrenaturais que poderiam como ameaça. O conto remete aos tempos de trabalho dos escravizados nos Engenhos que “quando morria um escravo ou ele era enterrado com sua esteira ou queimado enrolado nela”.

### Considerações finais

A reflexão sobre a negritude e a infância negra assumem nos contos e narrativas de Mãe Beata como lugares educativos. Esse enfoque está relacionado com as possibilidades de entendimento da diversidade étnico-racial nas narrativas afro-brasileiras. Desse modo, a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira orientam aprendizagens a partir de trocas de conhecimentos, das quebras de desconfiança e de preconceitos.

Para entender o impacto dos contos de Beatriz Moreira Costa, na constituição de identidades negras é preciso ter em vista a contribuição do patrimônio histórico e

---

<sup>6</sup> Na Mitologia Yoruba, o nome Oyá (também conhecido como Oiá ou Iansã) provém do rio de mesmo nome na Nigéria, onde seu culto é realizado, atualmente chamado de rio Níger. É conhecida também como Iansã. Fonte: <http://www.juntosnocandomble.com.br/2010/10/quem-e-iansa-oya-orixa.html> acesso 10 de maio de 2017.

cultural da população negra. Um reconhecimento desse patrimônio exige a valorização e respeito aos processos históricos vivenciados da cultura e história afro-brasileira.

Com base nessas considerações, podemos dizer que a luta antirracista passa pelo reconhecimento afirmativo da identidade negra e toma corpo e consistência quando está atenta aos fatores da formação cultural negra. Assim, a partir dos diálogos com as crianças em sala de aula com os contos de Beata os processos de oralidades se configuram num processo formativo peculiar, sobretudo, quando se fala da complexidade do tema das relações étnico-raciais.

### Referências

CARDOSO, Vania. Mito e memória: a poética afro-brasileira nos contos de mãe beata. In: YEMONJÁ, Mãe Beata. **Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros**. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, coleção Terra Brasilis, 2003.

COSTA, Beatriz Moreira. **Histórias que a minha avó contava**. São Paulo: Editora terceira margem, 2004.

FANON, Franz. **Os Condenados da Terra. Juiz de Fora-MG**, Editora UFJF, 2006.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Na ficção curta de Mãe Beata de Yemonjá: O Candomblé no feminino**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

MENDES, José Manuel Oliveira, In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **A globalização e as ciências sociais** – São Paulo: Cortez, 2002.

MUNANGA, Kabengele. O antirracismo no Brasil. In: **Estratégias políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.

\_\_\_\_\_. **Negritude: usos e sentidos**. 2. Ed. São Paulo: Mandarim, 2000.

PINHEIRO, Giovanna Soalheiro. **As Heranças Africanas na Narrativa de Mãe Beata de Yemonjá**. Portal Literafro, 2006.

YEMONJÁ, Mãe Beata. **Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros**. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2008.

**Enviado em:** inserir

**Aceito em:** inserido pelo editor

### Como referenciar este artigo

SILVA, Alex Sander da; VITÓRIO, Janaina Damasio; CANARIM, Guilherme Oreste. Negritude e infância negra: usos e sentidos em contos de Mãe Beata de Yemonjá.

**EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 4, n° 9, p. 20 a 31, set/dez, 2017. Disponível em:

<<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/issue/archive>>. e-ISSN: 2359-2087.